

Violência juvenil: fatores sociais associados à agressão física efetuada por adulto da família

Youth violence: social factors associated with physical aggression by an adult in the family

Chiara Lubich Medeiros de Figueiredo¹, Raimunda Hermelinda Maia Macena², Rosa Maria Salani Mota³

¹ Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, Ceará, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0302-3289>

² Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, Ceará, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3320-8380>

³ Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, Ceará, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3347-8372>

Autor para correspondência/Mail to: Chiara Lubich Medeiros de Figueiredo, chi_medeiros@hotmail.com

Recebido/Submitted: 03 de maio de 2020; **Aceito/Approved:** 02 de julho de 2020



Copyright © 2020 Figueiredo, Macena & Mota. Todo o conteúdo da Revista (incluindo-se instruções, política editorial e modelos) está sob uma licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-Compartilhável 3.0 Não Adaptada. Ao serem publicados por esta Revista, os artigos são de livre uso em ambientes educacionais, de pesquisa e não comerciais, com atribuição de autoria obrigatória. Mais informações em <http://revistas.ufpr.br/atoz/about/submissions#copyrightNotice>.

Resumo

Introdução: a adolescência e os seus riscos dependem de vários aspectos, entre eles os contextos em que o jovem está inserido. Objetivase identificar contextos sociais e familiares de estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental em Fortaleza nos anos de 2012 e 2015 que autorrelataram sofrer agressão física efetuada por um adulto da família.

Metodologia: estudo seccional, base populacional, utilizando dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), 2012 e 2015. Amostra composta por estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental (PeNSE 2012- n=54 escolas e PeNSE 2015- n=50 escolas) da cidade de Fortaleza/CE. Realizou-se o download do banco em formato Excel® 2010, seguido de padronização e análise da consistência interna. Utilizou-se o software SPSS®, versão 20®, por meio do módulo *survey analysis*.

Resultados: os jovens moram com a mãe e não realizam alguma refeição com seus responsáveis. Os escolares afirmaram que seus responsáveis não fumavam e a escolaridade materna apresentou uma evolução para Ensino Superior ou pós-graduação. Eles estão se envolvendo mais em briga com uso de arma de fogo e uso de arma branca. Observa-se ampliação da prevalência dos que relatam ter sofrido alguma agressão física na quantidade de vezes, nos últimos 12 meses, em que se envolveram em briga com agressão física, foram seriamente feridos e tiveram maior quantidade de episódios de agressão.

Conclusão: recomenda-se mais estudos voltados para a temática, logo servem de embasamento para a criação de políticas públicas.

Palavras-chave: Inquéritos Epidemiológicos; Comportamento do Adolescente; Violência doméstica.

Abstract

Introduction: adolescence and its risks depend on several aspects, including the contexts in which the young person is inserted. The objective is to identify social and family contexts of students in the 9th grade of elementary school in Fortaleza in 2012 and 2015 who self-reported suffering physical aggression by an adult in the family.

Method: sectional study, population based, using data from the National School Health Survey (PeNSE), 2012 and 2015. Sample made up of 9th grade students in elementary school (PeNSE 2012- n = 54 and PeNSE 2015- n = 50) from the city of Fortaleza / CE. The database was downloaded in Excel® 2010 format, followed by standardization and internal consistency analysis. The SPSS® software, version 20®, was used through the survey analysis module.

Results: young people live with their mother and do not have a meal with their parents. The students stated that their guardians did not smoke and that their maternal education showed an evolution to Higher Education or post-graduation. They are getting more involved in fighting with the use of a firearm and the use of a melee weapon. There is an increase in the prevalence of those who report having suffered some physical aggression in the number of times, in the last 12 months, in which they were involved in a fight with physical aggression, were seriously injured and had a greater number of episodes of aggression.

Conclusions: it is recommended that more studies focused on the theme, soon serve as a basis for the creation of public policies.

Keywords: Health Surveys; Adolescent Behavior; Domestic violence.

INTRODUÇÃO

Os assuntos pautados às mudanças sociais da vida de um adolescente devem ser levados em consideração, sobretudo quando se trata de violência, relações cotidianas e sociais (Silva, Soares, & Cabral de Oliveira, 2014). Ao voltar-se para o meio social, o adolescente tende a ficar mais exposto a diferentes situações que podem colocá-lo em risco por ser vulnerável e estar aberto a novas oportunidades e experiências (Benetti, 2006).

A adolescência e os seus riscos dependem de vários aspectos, não somente individuais, mas também dos contextos em que o jovem está inserido (Brasil, 2010). Um ponto de destaque é que os jovens dependem do apoio de adultos, instituições e políticas públicas por se encontrarem em fase de formação física e mental. Esses fatos os deixam mais vulneráveis a situações de violência, que ocorrem na família, na escola e na comunidade em que vivem (Assis, Avanci, Pesce, & Ximenes, 2009).

A violência contra crianças e adolescentes abrange toda ação/omissão praticada pelos responsáveis, pelos familiares, pela sociedade e/ou pelas instituições. Como primeiro lugar de educação e concepção social dos seres humanos, a família acaba se tornando responsável por momentos que determinam a vida da criança e do adolescente. A violência, quando praticada em ambiente familiar, torna-se um obstáculo para o apropriado desenvolvimento e para a integração social desses jovens, principalmente por causa de traumas físicos e psicológicos (Monteiro, Brandão Neto, Gomes, Freitas, & Brady, 2009). É sabido que, por bastante tempo, a agressão cometida em ambiente intrafamiliar era entendida como natural e que deveria ser resolvida entre os familiares. Dessa maneira, eram os responsáveis quem julgavam e definiam a melhor maneira de cuidar de seus filhos (Calza, Dell'Aglio, & Sarriera, 2016).

Um estudo de caso realizado com uma família acompanhada pelo Conselho Tutelar, Vara da Infância e Juventude, Fórum e equipe técnica, de um município do interior do Rio Grande do Sul, sinaliza como características influenciadoras da violência intrafamiliar infanto-juvenil: (a) microssistema: violência conjugal; práticas educativas punitivas; psicopatologia de pai e filhos e não tratamento; comunicação intrafamiliar precária; sobrecarga de papéis; estilo parental negligente e autoritário do pai; alcoolismo do pai/uso de drogas ilícitas e não tratamento; falta de limites dos filhos; prática disciplinar divergente entre os pais; relação agressiva entre pai e filhos; não valorização da moradia (família); (b) mesossistema: baixa escolaridade dos pais; filho mais velho não está na escola; filhos menores com dificuldades de relacionamento na escola; repetência dos filhos na escola; ameaça da escola em expulsar seus filhos; (c) exossistema: desemprego; pobreza; fraca rede de apoio social e afetivo; conflito com a lei (do pai); (d) macrosistema: crença em práticas educativas, punitivas corporais e cultura da violência contra a mulher (Antoni & Batista, 2014).

O ambiente escolar traz para o aluno uma ampliação da socialização, da convivência com o ser diferente e de algumas aptidões, como escutar, negociar, abdicar, interagir, colaborar e persistir, fora a interação com adultos. Assim, o jovem consegue observar outros exemplos a seguir. Dessa forma, a falta de sucesso na escola está interligada à violência. Esse insucesso pode se apresentar como o motivo de condutas agressivas, e a violência pode propiciar um desempenho acadêmico ruim (Monteiro et al., 2009).

Pesquisa aponta que, a partir da descrição dos fatores que influenciam a perpetração da violência por um adulto da família contra os adolescentes, as ações que visam a prevenção e/ou o enfrentamento desse agravo seriam facilmente executadas no ambiente escolar por se tratar de local em que há contato diário com os escolares, favorecendo, assim, a identificação de grupos de risco (Mota et al., 2018).

A escolha da temática se deu a partir de discussões no grupo de estudo e pesquisa que as autoras participam e, nesse momento, foi possível observar que o assunto, apesar da relevância, não possui muitas publicações voltadas para a cidade de Fortaleza, mesmo a capital estando entre as mais violentas do país, fato que instigou as pesquisadoras a levantar dados a partir da PENSE. Isso chama atenção para este estudo, já que pouco se fala sobre a violência intrafamiliar perpetrada no público juvenil no estado do Ceará, mostrando assim a sua relevância, portanto, com esta publicação pretende-se estimular outros trabalhos sobre o tema.

Diante do exposto, objetiva-se identificar contextos sociais e familiares de estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental em Fortaleza nos anos de 2012 e 2015 que autorrelataram sofrer agressão física efetuada por um adulto da família.

MÉTODO

Trata-se de um estudo seccional, de base populacional, utilizando os dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), inquérito realizado com escolares adolescentes que compõe a Vigilância dos Fatores de Risco e Proteção das Doenças Crônicas do Brasil. Este estudo é um recorte de uma pesquisa maior realizada em decorrência da parceria entre o Ministério da Saúde (MS) e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), com o apoio do Ministério da Educação (MEC), e possui como finalidade preencher a lacuna do conhecimento sobre a situação de saúde dos escolares adolescentes no Brasil. Sua primeira edição foi realizada em 2009, com planejamento para periodicidade trienal (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2013). Optou-se em utilizar, para esta pesquisa, apenas os escolares do 9ª ano da cidade de Fortaleza, capital do Ceará.

A Figura 1 detalha como ocorreram as diferentes etapas da pesquisa.

Inicialmente, realizou-se o *download* do banco de dados do PeNSE em formato Microsoft Office Excel 2010. A seguir, o banco foi padronizado, tendo sido analisada a consistência interna. As análises estatísticas foram realizadas utilizando o *software* SPSS® (*Statistical Package for the Social Sciences*) versão 20®, por meio do módulo *survey analysis*.

As variáveis (Figura 1) foram criadas a partir da pergunta desfecho: Nos últimos 30 dias, quantas vezes você foi agredido (a) fisicamente por um adulto da sua família?

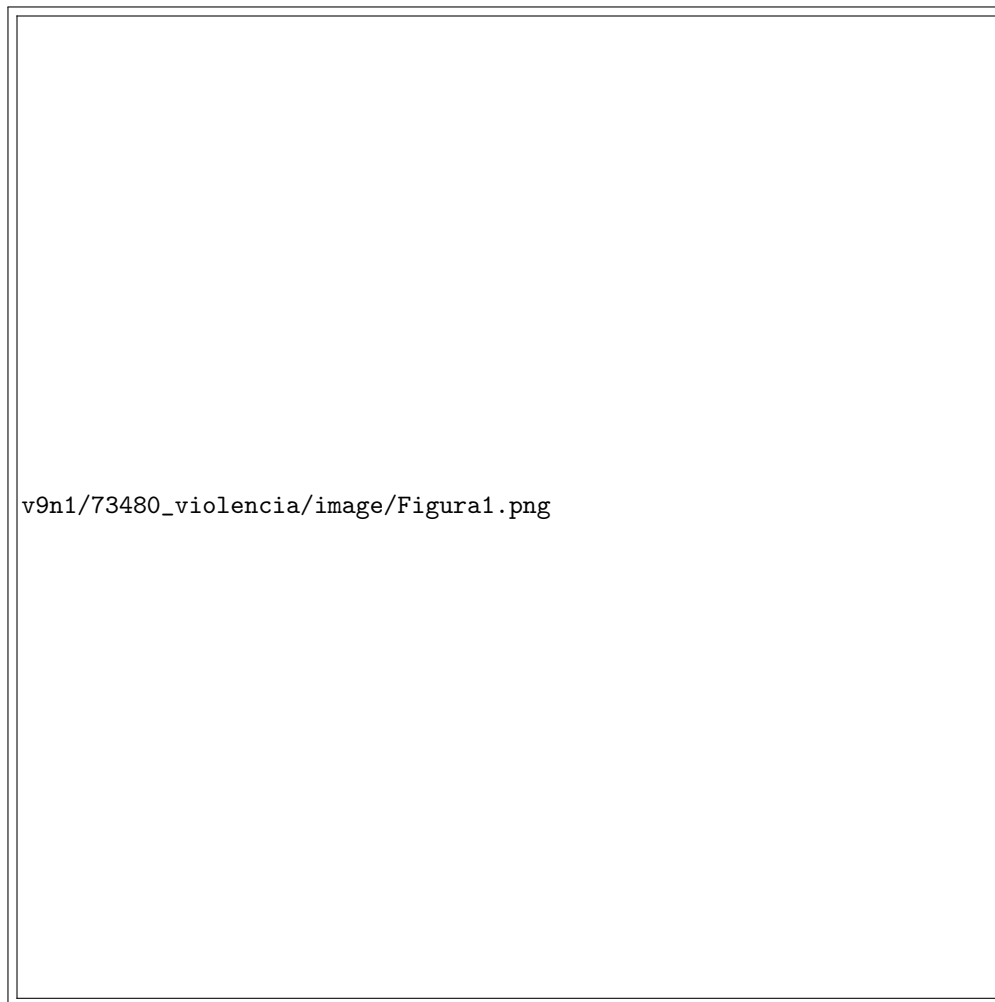


Figura 1. Amostra, coleta de dados e variáveis associadas ao autorrelato de escolares do Ensino Fundamental vitimados por um adulto da família na cidade de Fortaleza - CE entre os anos de 2012 e 2015.

Fonte: Baseada em IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais, Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2012 e 2015.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em relação aos fatores familiares, a maioria mora com a mãe (2012 - 89,4% e 2015 - 87,3%). Observa-se um decréscimo dos que realizam alguma refeição com seus pais ou responsáveis (1,4%). A maioria dos escolares afirmou que seus pais ou responsáveis não fumavam (63,8% em 2012 e 68,5% em 2015), sem significância estatística. Entre 2012 e 2015, observa-se uma melhora da escolaridade materna para Ensino Superior ou pós-graduação (8,6% para 9,2 %) (Tabela 1).

Nos últimos 30 dias, ao comparar 2012 com 2015, ocorreram aumento no envolvimento em briga com uso de arma de fogo (4,2%) e uso de arma branca (7,0%). Observa-se aumento da prevalência dos que relatam ter sofrido alguma agressão física (64,2% vs. 71,4%). Houve um acréscimo na prevalência da quantidade de vezes, nos últimos 12 meses, em que se envolveram em briga com agressão física (11,6% - $p=0,037$), foram seriamente feridos (4,4% - $p=0,201$) e tiveram maior quantidade de episódios de agressão (7,2% - $p=0,083$) (Tabela 1).

	Ano							
	2012				2015			
	n/N	%	IC95%		n/N	%	IC95%	
		LI	LS			LI	LS	
Fatores familiares								
Mora com a mãe								
Sim	241/269	89,4	85,0	92,6	216/246	87,3	81,3	91,5
Não	28/269	10,6	7,4	15,0	30/246	12,7	8,5	18,7

	Ano							
	2012				2015			
	n/N	%	IC95% LI	LS	n/N	%	IC95% LI	LS
Fatores familiares								
Mora com pai								
Sim	2150/267	56,1	50,1	61,8	131/246	52,6	45,8	59,3
Não	117/267	43,9	38,2	49,9	1115/246	47,4	40,7	54,2
Escolaridade materna								
Analfabeta / 1º grau incompleto	95/269	35,6	28,2	43,6	71/246	29,4	22,5	37,4
1º grau completo / 2º grau incompleto	37/269	14,9	11,0	19,8	29/246	12,1	7,9	18,3
2º grau completo / superior incompleto	62/269	21,8	16,5	28,2	66/246	25,6	19,6	32,7
Ensino superior / pós-graduação	26/269	8,6,4	4,9	14,7	23/246	9,2	5,0	16,2
Não sei	49/269	19,2	14,1	25,7	57/246	23,7	17,3	31,5
Refeição realizada com pais / responsáveis								
Sim	170/269	63,7	57,1	69,9	154/246	62,3	56,9	67,5
Não/raramente	99/269	36,3	30,1	42,9	92/246	37,7	32,5	43,1
Pais / responsáveis que fumam								
Nenhum deles	170/269	63,8	55,0	71,8	168/246	68,5	60,6	75,4
Mãe e pai / responsável	91/261	34,4	26,7	43,0	62/230	26,9	21,4	33,1
Não sei	8/269	2,7	1,5	5,0	16/246	6,4	3,5	11,3
Sim	241/269	89,4	85,0	92,6	216/246	87,3	81,3	91,5
Pais / responsáveis sabiam o que estava fazendo no tempo livre								
Nunca/raramente	82/269	29,4	24,1	35,3	67/245	28,1	22,7	34,2
Às vezes	56/269	20,8	16,3	26,1	44/245	17,7	13,0	23,6
Maior parte do tempo / sempre	131/269	49,8	42,9	56,7	134/101	54,2	47,5	60,8
Problemas com família / amigos, perdeu aula ou brigou por ter ingerido bebida alcoólica na vida								
Nenhuma vez	163/206	79,6	73,3	84,7	132/167	80,2	74,2	85,1
1 ou 2 vezes	24/206	12,5	8,2	18,7	20/167	11,9	8,1	17,0
Pelo menos 3 vezes	19/206	7,9	4,8	12,9	15/18	7,9	4,6	13,2
Fatores sociais								
Não foi à escola por insegurança no percurso de casa para a escola								
Nenhum dia	213/269	80,2	73,6	85,5	177/246	71,4	65,0	77,0
1 ou mais	59/269	19,8	14,5	26,4	69/246	28,6	23,0	35,0
Não foi à escola porque não se sentia seguro na escola								
Nenhum dia	227/267	86,2	79,8	90,8	184/246	73,9	68,5	78,6
1 ou mais	40/269	13,8	9,2	20,2	62/246	26,1	21,4	31,5
Envolvimento em briga com uso de arma de fogo nos últimos 30 dias								
Sim	30/269	11,0	7,5	15,9	38/245	15,2	10,9	20,9
Não	239/269	89,0	84,1	92,5	207/245	84,8	79,1	89,1
Envolvimento em briga com uso de arma branca nos últimos 30 dias								
Sim	38/269	13,7	9,6	19,0	38/245	15,2	10,9	20,9
Não	231/269	86,3	81,0	90,4	194/246	79,3	73,2	84,4
Sofreu agressão física nos últimos 12 meses								
Nenhuma vez	93/269	35,8	30,8	41,0	69/246	28,6	23,7	34,0
1 vez ou +	176/269	64,2	59,0	69,2	177/246	71,4	66,0	76,3

	Ano							
	2012				2015			
	n/N	%	IC95%		n/N	%	IC95%	
		LI	LS			LI	LS	
Fatores familiares								
Envolvimento em briga com agressão física nos últimos 12 meses								
Nenhuma vez	166/269	62,9	57,0	68,3	126/244	51,3	45,2	57,3
1 vez	38/269	14,2	10,2	19,4	55/244	22,3	17,5	27,9
2 ou mais vezes	65/269	22,9	17,9	28,9	63/244	26,4	21,6	31,8
Seramente ferido nos últimos 12 meses								
Nenhuma vez	192/268	71,8	65,5	77,3	166/245	67,4	61,7	72,5
1 ou mais +	76/268	28,2	22,7	34,5	79/245	32,6	27,5	38,3

Tabela 1. Estudos primários selecionados.

Fonte: Elaborada pelos autores (2019).

A maioria dos escolares que autorrelatou ter sido agredido por um adulto da família na cidade de Fortaleza - CE, nos dois anos de estudo (2012 e 2015), residem com as mães, que incrementaram o seu nível de escolaridade e não são fumantes.

Nas últimas décadas, diversas mudanças foram observadas no contexto familiar, porém o papel da mulher merece destaque, já que ocorreu tanto dentro como fora do espaço doméstico. Atualmente, são admitidas famílias formadas por diversas estruturas, entre elas “mães solteiras” com seus filhos. O número de mulheres que criam seus filhos sozinhas teve um acréscimo de 53,0% e observa-se que muitas famílias brasileiras já não seguem o modelo tradicional de pai, mãe e filhos. Um estudo analisou os dados de três décadas (1970 – 2000) e trouxe como resultado que o número de domicílios chefiados por mulher subiu de 18,1% para 26,5%. Ressalta-se ainda que em 19,4% das famílias, no mínimo, um dos pais está ausente e grande parte das famílias chefiadas apenas por uma pessoa é constituída por mulheres (15,5% vs. 5,7% de responsabilidade masculina) (Nascimento, 2006), o que está de acordo com os achados desta pesquisa.

Ao longo dos últimos tempos, a família, em especial a brasileira, vem sofrendo várias transformações, visto que necessita acompanhar acontecimentos históricos, econômicos, sociais e demográficos que têm acontecido (Nascimento, 2006). Diferentemente dos resultados desta pesquisa, um estudo realizado em Recanto das Emas - DF mostrou que 48,7% dos jovens que eram agredidos por adulto da família moravam com ambos os genitores, 43,6% moravam somente com a mãe e 6,2% moravam apenas com o pai (Ribeiro, Ribeiro, Pratesi, & Gandolfi, 2015).

Contudo, famílias monoparentais têm ganhado destaque. No entanto, esse cuidador tende a trabalhar mais horas e, conseqüentemente, deixar o jovem mais tempo sozinho, o que pode influenciar em comportamentos de risco, pois o adolescente sente que possui liberdade e pode fazer o que deseja já que não tem supervisão de adulto naquele momento (Santos, Albuquerque, Bandeira, & Colares, 2015).

Embora a escolaridade das mães dos jovens que autorrelataram terem sido agredidos por um adulto da família na cidade de Fortaleza - CE, aparentemente, tenha aumentado, deve-se considerar que também cresceu a proporção dos que informam não saber a escolaridade materna. As questões de desigualdade social permanecem elevadas no Brasil. Em 2012, 40,0% dos adolescentes de 15 a 17 anos e 27,8% dos jovens de 18 a 24 anos viviam com renda familiar per capita de até meio salário mínimo (Mega, 2014). Tais jovens compõem um dos polos da ampla desigualdade social brasileira, que pode ser percebida pela renda das famílias, apesar de a desigualdade de renda ter diminuído no país nos últimos anos, conforme observado pelo índice de Gini (utilizado para medir a desigualdade de renda), que caiu de 0,580, em 1992, para 0,527, em 2012 (Neri, Vaz, & Souza, 2013).

Estudo realizado em Jardinópolis - SP, que analisou a percepção de mães agressoras em relação à violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes, observou que essas mulheres não possuíam atividade remunerada (80,0%), tinham pouca ou nenhuma escolaridade (90,0%) e 90,0% afirmaram viver com menos de um salário mínimo (Bittar, Nakano, Silva, & Roque, 2012). Desse modo, a desigualdade de renda se reflete no acesso à educação, à saúde, à alimentação, ao trabalho, à moradia, ao lazer, à segurança, à cultura, ao saneamento básico, ao transporte e ao consumo (Ferreira & Marcial, 2015).

Em Araçatuba - SP, o perfil dos familiares agressores do público em questão foi pais/mães jovens, solteiros, pobres, desempregados e com nível educacional inferior (Garbin, Guimarães e Queiroz, Rovida, & Saliba, 2012). Outra pesquisa, também realizada no interior de São Paulo, observou elevados índices de negligência relacionados

à falta de supervisão dos responsáveis, referentes a cuidados com alimentação, vestimenta, higiene, saúde física, saúde mental e educação (Pasian, Bazon, Pasian, & Lacharité, 2015).

Acrescente-se ainda que a escolaridade e as condições socioeconômicas podem estar associadas à experiência anterior de exposição à violência intrafamiliar. A ausência de ambiente familiar acolhedor dificulta a formação de uma personalidade mais resiliente, que lhes permita enfrentar melhor as situações conflituosas por eles vivenciadas, a exemplo das agressões cometidas por familiares (Bittencourt, França, & Goldim, 2015). Os comportamentos de risco são indutores negativos quando presenciados pelos jovens, visto que os filhos refletem o que foi (re)produzido pelos pais (Malta, Antunes, Prado, Assunção, & Freitas, 2019).

Em estudo realizado em Jardinópolis - SP, que analisou a percepção de mães agressoras em relação à violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes, a maioria das entrevistadas se remeteu à infância como um período ruim devido às agressões física, sexual e psicológica sofridas, o que implica na naturalização da violência e consequente reprodução do ato (Bittar et al., 2012).

O tabagismo entre adolescentes é multifatorial e dependente dos âmbitos social, econômico e familiar (Menezes, Dalmas, Scarinci, Maciel, & Cardelli, 2019), destacando que a participação da família tem importância significativa no uso de substâncias lícitas (Malta, Antunes, Prado, Assunção, & Freitas, 2018).

Além disso, entre os comportamentos de risco para indivíduos oriundos de famílias monoparentais, podem-se citar o início sexual precoce, o uso de drogas lícitas e ilícitas e os atos de violência. A PeNSE 2015, analisando os dados nacionais, detectou que, entre os que relataram episódios de agressão, há um maior contato com pessoas que fumavam (familiares ou amigos) (Malta et al., 2019).

Em relação à atividade sexual, estudo comprova que está mais propícia a acontecer mais cedo quando os adolescentes possuem pais separados, não moram com os pais ou quando moram com apenas um deles. Em outra pesquisa, os jovens que afirmaram receber uma educação menos rígida foram os que iniciaram a vida sexual precocemente, porém, ressalta-se que a supervisão do pai não se mostrou significativa em relação ao comportamento sexual desse público. Acrescente-se que a pouca escolaridade dos pais tem sido apontada como fator preditor para sexarca, assim como a falta de diálogo na família, já que o diálogo sobre sexo não é tarefa fácil para alguns pais ou responsáveis, por vergonha de falar sobre o assunto, no entanto, estar presente na vida dos filhos, saber onde estão e o que estão fazendo é importante para que haja interação e a troca de informações entre pais e filhos seja facilitada (Santos et al., 2015).

O ambiente familiar deveria ser um local acolhedor, em que os jovens buscam respostas para suas dúvidas, sendo propício para a reflexão sobre sua realidade e, quando necessário, para mudá-la. Entretanto, as mães ainda são as principais agressoras de seus filhos no ambiente doméstico (Hildebrand, Celeri, Morcilo, & Zanolli, 2015). O VIVA – Inquérito demonstrou que 1/4 das violências intrafamiliares que chegam nas unidades de urgência e emergência são perpetradas especialmente pela mãe no público infantojuvenil (Avanci, Pinto, & Assis, 2017).

É sabido que o relacionamento familiar merece atenção, pois ele pode comprometer o desenvolvimento psicológico, emocional e comportamental (Malta, Antunes, Prado, Assunção, & Freitas, 2010), assim como desempenha papel decisivo na educação formal e informal dos membros envolvidos (Kaloustian, 1994). É no âmbito familiar que se inicia o processo de formação das pessoas, a partir da absorção de valores (éticos e humanitários), e também aprofundam-se os laços de solidariedade, constroem-se as marcas entre as gerações e são observados valores culturais, estes servindo de referência para seus participantes. Diante disso, eles elaboram e determinam suas relações sociais (Nascimento, 2006).

Neste estudo, entre a maioria dos escolares que autorrelataram terem sido agredidos por um adulto da família, os vínculos familiares são presentes no partilhar de refeições, na ausência de problemas com família/amigos, faltar na escola ou mesmo no envolvimento em situações de violência física (briga) por uso de álcool.

A violência estrutural vem sendo responsabilizada por grande parte da desigualdade social no país, é considerada inerente à violência interpessoal, em várias camadas sociais, em especial, na dinâmica e no modelo familiar (Monteiro et al., 2009). Além disso, tem sido estudada a relação entre supervisão parenteral e redução do uso de álcool, drogas e tabaco. Práticas como supervisionar, saber por onde anda o filho, o que faz, e com quem se relaciona, estabelecer vínculo, afeto, diálogo, realizar refeições em conjunto, morar com os filhos além de proteger educam os adolescentes, atividades estas que devem ser sempre estimuladas (Malta, Antunes, Prado, Assunção, & Freitas, 2014).

A PeNSE 2012 demonstra que algumas ações podem ser protetoras em relação ao consumo das drogas lícitas e ilícitas bem como a exposição à violência, entre elas: residir com mãe e/ou pai, fazer refeições com os pais, ter supervisão familiar em que os pais saibam o que fazem no tempo livre no entanto, faltar às aulas sem autorização dos pais, apresenta-se como um fator para o jovem começar a beber e experimentar drogas. Consequentemente, o uso de substâncias como álcool e drogas e a não realização das refeições junto com os pais aumentam a incidência de relações sexuais desprotegidas (Oliveira-Campos, Giatti, Malta, & Barreto, 2013). Entretanto, essa não tem sido a realidade brasileira. A PeNSE 2015, analisando os dados nacionais, detectou que, entre os que relataram

episódios de agressão, estão os que referiram faltar às aulas sem comunicar aos seus familiares e que moravam com mães sem ou com baixa escolaridade (Malta et al., 2019)

Nota-se que a participação da família tem importância significativa no uso de substâncias psicoativas (Malta et al., 2018). Desse modo, o desenvolvimento social pode ter impacto sobre a violência, sendo o acesso e a frequência à educação um dos exemplos mais evidentes. Pesquisa recente indica que o aumento de 1,0% da taxa de frequência escolar de jovens entre 15 e 17 anos reduziu a taxa de homicídios no Brasil em 5,8% (Cerqueira et al., 2018), visto que a permanência na escola é importante para afastar o adolescente do crime e favorecer sua posterior inserção no mercado de trabalho. Essa questão tem melhorado no Brasil, uma vez que a frequência escolar de adolescentes de 15 a 17 anos de idade passou de 59,7%, em 1992, para 84,2%, em 2012 (Mega, 2014).

Diante disso, nota-se a importância da participação dos pais na vida dos filhos, do incentivo à educação e de saber onde os jovens se encontram em boa parte do dia. Entre os escolares estudados, o percurso e o ambiente escolar mostram-se seguros. Contudo, eles têm se envolvido em maior número de brigas, tanto por agressão física como pelo uso de arma de fogo e de arma branca, resultando em mais lesões/ferimentos.

As diversas modalidades de violência fazem parte do cotidiano da população brasileira, estando presentes em todos os locais e ciclos da vida. Adolescentes estão expostos a diversas situações geradoras de violência: assassinatos em locais próximos às suas residências, tiroteios em épocas de conflito, disputa entre gangues e tráfico de drogas, bem como clima de insegurança na escola e no trajeto para escola, posto que as áreas em que ocorrem violência comunitária, sua forma mais brutal tende a estar no percurso que dão acesso ao ambiente escolar (Brandão Neto, Silva, Aquino, Lima, & Monteiro, 2015).

Quando se fala de violência coletiva, a rua é um lugar em que ela está bastante presente, por isso, vários adolescentes se sentem inseguros ao sair de casa. Pesquisa comparando as três PeNSE mostrou que a prevalência dos adolescentes que faltaram às aulas por insegurança no trajeto casa-escola aumentou de 6,4% (2009) para 12,8% (2015) e também aumentou de 5,5% (2009) para 9,3% (2015) o número de adolescentes que faltaram às aulas por insegurança na escola (Reis, Malta, & Furtado, 2018)

A PeNSE 2012 verificou que adolescentes não foram à escola por não se sentirem seguros no trajeto casa-escola, assim como dentro da escola, sendo isso mais usual em escolas públicas, o que pode refletir nas desigualdades sociais e na distribuição desigual da violência, com exposições e riscos diferenciados (Malta et al., 2014). Em um estudo realizado no interior de Brasília, dentre os jovens entrevistados, 45,1% afirmaram que, às vezes ou frequentemente, sentiam-se inseguros na escola (Ribeiro et al., 2015), o que difere dos achados desta pesquisa, que descrevem que mais de 70,0% dos adolescentes, em ambos os anos, não relataram temer o percurso casa-escola.

Acredita-se que essa problemática pode estar relacionada ao meio de transporte que o escolar usa nesse percurso. Um estudo analisou o deslocamento dos adolescentes no trajeto de casa para uma escola pública do município de São Luís - MA, ir a pé à escola foi a forma de deslocamento mais utilizada pelos escolares (51,5%) (Souza, Musse, Amaral, & Assis, 2014)

A violência é considerada uma epidemia e os adolescentes são indiscutivelmente o grupo de maior risco. Os dados nacionais da PNAD mostram que indivíduos com idade entre 16 a 34 anos e solteiros, devido à maior exposição a violência, têm maiores chances de sofrer agressões físicas (Lira & Sampaio, 2011).

Outro fato que merece reflexão neste estudo é a proporção de escolares que têm se envolvido em brigas tanto por agressão física como pelo uso de arma de fogo e arma branca.

Nos últimos 35 anos, ocorreram cerca de 1,5 milhões de assassinatos, principalmente contra os jovens, negros e com baixa escolaridade, índice que consta em primeiro lugar no ranking mundial em homicídios. As taxas de homicídio no Brasil, nos últimos anos são semelhantes com as que viviam os países da Europa, como a Inglaterra, a Alemanha, a Suíça e a Holanda, entre os séculos XIII e XVI (Ferreira & Marcial, 2015). Um estudo realizado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) projetou a criminalidade no Brasil até 2023, sendo que há estimativas que o agravo permanecerá, principalmente, entre a população jovem vivendo em situação de desigualdade social e com alta prevalência de armas em circulação (Camarano, 2014).

É conhecido o potencial de redução das taxas de homicídio ao se diminuir a circulação de armas, logo, quando se reduz 1,0% da prevalência de armas se restringe em 2,0% os homicídios (Cerqueira et al., 2018). Embora exista uma legislação vigente no Brasil, um considerável estoque de armas de fogo continua em circulação e pode ser adquirido por baixo custo (Viva Comunidade, 2010).

Todavia, no Ceará, o panorama se mostra diferente. As facções instituíram-se como um centro de produção de crime, circulação de armas e redes de ações criminosas complexas com atuação em todo o estado (Velo, Magalhães, Dell'Aglio, Cabral, & Gomes, 2013). Nesse contexto, destaca-se o crescimento do envolvimento de adolescentes em gangues e facções ocorrido nos últimos anos no Ceará, principalmente a partir de 2016, quando teria sido fundado um coletivo criminal local que se destaca pela juventude de seus integrantes (Paiva, 2019).

Merece destaque o GDE, facção tipicamente cearense que possui como característica integrantes majoritariamente adolescentes que assumem posições de prestígio e reconhecimento quando praticam ações violentas (BBC News,

2019). O GDE garante aos seus membros participação nas decisões coletivas e não executa cobranças de mensalidade (Paiva, 2019). Desse modo, foram observados inúmeros fatores de risco para o envolvimento de jovens com gangues, como eventos negativos na vida, supervisão parental precária dentre outros (O'Brien, Daffern, Chu, & Thomas, 2019). Diante do exposto, nota-se que a rede de relações estabelecida na estrutura familiar é influenciada pelo contexto socioeconômico e pelas características de cada um dos seus membros, bem como a estrutura que se articula entre eles. A proteção afetiva por ela assegurada é a base para a construção de laços emocionais e para o desenvolvimento do indivíduo. Apesar disso, as tensões entre os seus membros, influenciadas tanto por fatores externos, ambientais e sociais, quanto internos, pessoais e familiares, podem se transformar em fatores de risco para o desenvolvimento dos adolescentes (Malta et al., 2019).

Assim, pode-se compreender que, embora independentes, há um efeito interdependente entre os contextos familiar, escolar e social na ocorrência de agressão por adulto da família entre escolares na cidade de Fortaleza - CE. A constituição familiar, o nível de relacionamento afetivo, a supervisão do adulto responsável, além da escolaridade, das condições socioeconômicas e locais de residência, bem como da experiência anterior de exposição à violência intrafamiliar e comunitária, além do envolvimento em gangues parecem ter efeito potencializador-retroalimentador do processo de agressão por adultos entre escolares.

CONCLUSÃO

Diante do exposto, nota-se como os fatores sociais e familiares podem influenciar na vida dos adolescentes. Jovens criados em famílias violentas podem perpetrar os atos no futuro por naturalizarem aquela situação.

Em relação aos fatores familiares, a maioria mora com a mãe, que tem maior escolaridade, cuidadores não fumantes, mas há um decréscimo dos que realizam alguma refeição com seus pais ou responsáveis. Ao comparar os anos, ocorreu aumento da quantidade de vezes que os jovens se envolveram em briga com agressão física, briga com uso de arma de fogo e arma branca tendo sido seriamente feridos e tiveram maior quantidade de episódios de agressão.

Devido ao ciclo da violência e aos malefícios causados à saúde física e/ou mental desse público, nota-se o quanto essa temática é relevante e recomenda-se estudos mais aprofundados que embasem a criação de programas de políticas públicas. Destaca-se a escassez de pesquisas voltadas para esse assunto na capital do Ceará, por isso a importância deste estudo, para chamar atenção para esses jovens que são agredidos dentro do seu lar, lugar que era para ser seguro e cheio de amor.

REFERÊNCIAS

- Antoni, C., & Batista, F. A. (2014). Violência familiar: análise de fatores de risco e proteção. *Diaphora*, 14(2), 26–35.
- Assis, S. G. D., Avanci, J. Q., Pesce, R. P., & Ximenes, L. F. (2009). Situação de crianças e adolescentes brasileiros em relação à saúde mental e à violência. *Ciência & Saúde Coletiva*, 14, 349–361.
- Avanci, J. Q., Pinto, L. W., & Assis, S. G. D. (2017). Atendimento dos casos de violência em serviços de urgência e emergência brasileiros com foco nas relações intrafamiliares e nos ciclos de vida. *Ciência & Saúde Coletiva*, 22(9), 2825–2840. doi: 10.1590/1413-81232017229.13352017.
- BBC News. (2019). *Ceará sob ataque: como facções locais e nacionais se juntaram para dominar o crime no estado*. Recuperado de <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-46789403>.
- Benetti, S. P. D. C. (2006). Violência comunitária, exposição às drogas ilícitas e envolvimento com a lei na adolescência. *Psico*, 37(3), 279–286.
- Bittar, D. B., Nakano, A. M. S., Silva, M. A. I., & Roque, E. M. D. S. T. (2012). Violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes na percepção de mães agressoras. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, 14(4). doi: 10.1155/2014/863918.
- Bittencourt, A. L. P., França, L. G., & Goldim, J. R. (2015). Adolescência vulnerável: fatores biopsicossociais relacionados ao uso de drogas. *Revista Bioética*, 23(2), 113–119.
- Brandão Neto, W., Silva, M. A. I., Aquino, J. M. d., Lima, L. S. d., & Monteiro, E. M. L. M. (2015). Violência sob o olhar de adolescentes: intervenção educativa com círculos de cultura. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 68(4), 617–625.
- Brasil. (2010). *Linha de cuidado para a atenção integral à saúde de crianças, adolescentes e suas famílias em situação de violências: orientação para gestores e profissionais de saúde*. Brasília: Ministério da Saúde.
- Calza, T. Z., Dell’Aglio, D. D., & Sarriera, J. C. (2016). Direitos da criança e do adolescente e maus-tratos: epidemiologia e notificação. *Revista da SPAGESP*, 17(1), 14–17. Recuperado de <http://periodicos.ufc.br/rene/article/view/4825/3562>.
- Camarano, A. A. (2014). *Novo regime demográfico: uma nova relação entre população e desenvolvimento?* Rio de Janeiro: IPEA. Recuperado de https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros/livro_regime_demografico.pdf.
- Cerqueira, D., Lima, R. S., Bueno, S., Neme, C., Ferreira, H., Coelho, D., ... Merian, F. (2018). *Atlas da violência 2018*. Rio de Janeiro: IPEA. Recuperado de https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/180604_atlas_da_violencia_2018.pdf.
- Ferreira, H. R. S. A., & Marcial, E. C. (2015). *Violência e segurança pública em 2023: cenários exploratórios e planejamento prospectivo*. Rio de Janeiro: IPEA.
- Garbin, C. A. S., Guimarães e Queiroz, A. P. D., Rovida, T. A. S., & Saliba, O. (2012). A violência familiar sofrida na infância: uma investigação com adolescentes. *Psicologia em Revista*, 18(1), 107–118. doi: 10.5752/P.1678-9563.2012v18n1p107.
- Hildebrand, N. A., Celeri, E. H. R. V., Morcilo, A. M., & Zanolli, M. d. L. (2015). Violência doméstica e risco para problemas de saúde mental em crianças e adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 28(2), 213–221. doi: 10.1590/1678-7153.201528201.
- Kaloustian, S. M. (1994). *Família brasileira: a base de tudo*. Brasília: Cortez Editora.
- Lira, P., & Sampaio, A. P. S. (2011). Vitimização no Brasil e Espírito Santo: Pnad 2009. In *Coletânea IJSN*. Espírito Santo: IJSN. Recuperado de http://www.ijsn.es.gov.br/ConteudoDigital/20121205_coletaneaijsn_seguranca_v2.pdf.
- Malta, D. C., Antunes, J. T., Prado, R. R., Assunção, A. A., & Freitas, M. I. (2010). Vivência de violência entre escolares brasileiros: resultados da pesquisa nacional de saúde do escolar (pense). *Ciência & Saúde Coletiva*, 15(suppl. 2), 3053–3063. doi: 10.1590/S1413-81232010000800010.
- Malta, D. C., Antunes, J. T., Prado, R. R., Assunção, A. A., & Freitas, M. I. (2014). Psychoactive substance use, family context and mental health among Brazilian adolescents, national adolescent school-based health survey (pense 2012). *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 17(suppl. 1), 46–61. doi: 10.1590/1809-4503201400050005.
- Malta, D. C., Antunes, J. T., Prado, R. R., Assunção, A. A., & Freitas, M. I. (2018). Uso de substâncias psicoativas em adolescentes brasileiros e fatores associados: Pesquisa nacional de saúde dos escolares, 2015. *Ciência & Saúde Coletiva*, 21(e180004). doi: 10.1590/1980-549720180004.supl.1.
- Malta, D. C., Antunes, J. T., Prado, R. R., Assunção, A. A., & Freitas, M. I. (2019). Fatores associados aos episódios de agressão familiar entre adolescentes, resultados da pesquisa nacional de saúde do escolar (pense). *Ciência & Saúde Coletiva*, 24(4), 1287–1298. doi: 10.1590/1413-81232018244.15552017.
- Mega, T. A. P. (2014). *Plano de intervenção para a gravidez na adolescência na esf mãe de deus ii, governador valadares, mg*. (Trabalho de conclusão de curso). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil.
- Menezes, A. H. R., Dalmas, J. C., Scarinci, I. C., Maciel, S. M., & Cardelli, A. A. M. (2019). Fatores associados ao uso regular de cigarros por adolescentes estudantes de escolas públicas de Londrina, Paraná, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, 30(4), 774–784. doi: 10.1590/0102-311X00173412.
- Monteiro, E. M. L. M., Brandão Neto, W., Gomes, I. M. B., Freitas, R. B. N. d., & Brady, C. L. (2009). Violência contra criança e adolescente: rompendo o silêncio. *Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste*, 10(3), 107–116. Recuperado de <http://periodicos.ufc.br/rene/article/view/4825/3562>.
- Mota, R. S., Gomes, N. P., Estrela, F. M., Silva, M. A., Santana, J. D., Campos, L. M., & Cordeiro, K. C. C. (2018). Prevalência e fatores associados à vivência de violência intrafamiliar por adolescentes escolares. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 71(3), 1022–1029. Recuperado de https://www.scielo.br/pdf/reben/v71n3/pt_0034-7167-reben-71-03-1022.pdf.
- Nascimento, A. M. (2006). População e família brasileira: ontem e hoje. In *XV encontro nacional de estudos populacionais* (p. 1–24). Caxambu, MG. Recuperado de <http://www.abep.org.br/publicacoes/index.php/anais/article/view/1579p>.
- Neri, M. C., Vaz, F. M., & Souza, P. F. D. (2013). *Dois décadas de desigualdade e pobreza no Brasil medidas pela Pnad/IBGE*. Rio de Janeiro: FGV Social.
- O’Brien, K., Daffern, M., Chu, C. M., & Thomas, S. D. M. (2019). Youth gang affiliation, violence, and criminal acti-

vities: A review of motivational, risk, and protective factors. *Aggression and violent behavior*, 18(4), 417–425. doi: 10.1016/j.avb.2013.05.001.

Oliveira-Campos, M., Giatti, L., Malta, D. C., & Barreto, S. M. (2013). Contextual factors associated with sexual behavior among brazilian adolescents. *Annals of epidemiology*, 23(10), 629–635. doi: 10.1016/j.annepidem.2013.03.009.

Paiva, L. F. S. (2019). Aqui não tem gangue, tem facção: as transformações sociais do crime em fortaleza, brasil. *Caderno CRH*, 32(85), 165–184. doi: 10.9771/ccrh.v32i85.26375.

Pasian, M. S., Bazon, M. R., Pasian, S. R., & Lacharité, C. (2015). Negligência infantil a partir do child neglect index aplicado no brasil. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 28(1), 106–115. doi: 10.1590/1678-7153.201528112.

Reis, A. A. C. D., Malta, D. C., & Furtado, L. A. C. (2018). Desafios para as políticas públicas voltadas à adolescência e juventude a partir da pesquisa nacional de saúde do escolar (pense). *Ciência & Saúde Coletiva*, 23(9), 2879–2890. doi: 10.1590/1413-81232018239.14432018.

Ribeiro, I. M. P., Ribeiro, A. S. T., Pratesi, R., & Gandolfi, L. (2015). Prevalência das várias formas de violência entre escolares. *Acta Paulista de Enfermagem*, 28(1), 54–59. doi: 10.1590/1982-0194201500010.

Santos, T. M. B., Albuquerque, L. S. B. d., Bandeira, C. d. F., & Colares, V. S. d. (2015). Fatores que contribuem para o início da atividade sexual em adolescentes: revisão integrativa. *Revista de Atenção à Saúde*, 13(44), 64–70.

Silva, R. J. D. S., Soares, N. M. M., & Cabral de Oliveira, A. C. (2014). Factors associated with violent behavior among adolescents in northeastern brazil. *The Scientific World Journal*, 2014(863918). doi: 10.1155/2014/863918.

Souza, C. D. S., Musse, J. d. O., Amaral, M. T. R., & Assis, S. G. d. (2014). Sistema de vigilância de violências e acidentes/viva e a notificação da violência infanto-juvenil no sistema único de saúde de feira de santana, bahia, brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 19(3), 773–784.

Veloso, M. M. X., Magalhães, C. M. C., DellAglia, D. D., Cabral, I. R., & Gomes, M. M. (2013). Notificação da violência como estratégia de vigilância em saúde: perfil de uma metrópole do brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 18(5), 1263–1272. doi: 10.1590/S1413-81232013000500011.

Viva Comunidade. (2010). *Estoque e distribuição das armas de fogo no brasil*. Rio de Janeiro: Publit. Recuperado de <https://silo.tips/download/estoques-e-distribuiao-de-armas-de-fogo-no-brasil>.

Como citar este artigo (APA):

Figueiredo, C. L. M., Macena, R. H. M. & Mota, R. M. S. (2020). Violência juvenil: fatores sociais associados à agressão física efetuada por adulto da família. *AtoZ: novas práticas em informação e conhecimento*, 9(2), 14 – 23. Recuperado de: <http://dx.doi.org/10.5380/atoz.v9i2.73480>